

## ARTIGOS REGULARES

---

ARQ. SAÚDE MENTAL — ESTADO DE SÃO PAULO, Vols. XLVII a LII, ( 88 - 93 ) 1988/93

### TELE E TRANSFERÊNCIA

Gilda Porta (\*)

Marcia Marina de Mello (\*\*)

Margareth de Lello Rahmé (\*\*\*)

### R E S U M O

As autoras apresentam, de forma sintética, uma visão objetiva dos conceitos de TELE e TRANSFERÊNCIA e de suas correlações, conceitos estes de fundamental importância para os que desejam compreender e se utilizar da teoria psicodramática.

---

\* Médica Pediatra, Assistente-doutor responsável pela Unidade de Hepatologia Infantil do Instituto da Criança do HC-FMUSP, ex-aluna do Curso de Psicodrama Terapêutico da Sociedade de Psicodrama de S. Paulo (SOPSP) .

\*\* Médica Psiquiatra do Departamento Psiquiátrico II da Secretaria de Estado da Saúde, ex-aluna do Curso de Psicodrama Terapêutico da Sociedade de Psicodrama de São Paulo (SOPSP) .

\*\*\* Médica Psiquiatra, diretora do Serviço de Clínicas Psiquiátricas Masculinas do Hospital Dr. Raul Malta do Departamento Psiquiátrico II, ex-aluna do Curso de Psicodrama Terapêutico da Sociedade de Psicodrama de São Paulo (SOPSP) .

## I — INTRODUÇÃO

Aquele que se inicia no estudo da teoria moreniana, o Psicodrama, traz, geralmente, certa dificuldade a compreensão dos conceitos de Tele e Transferência, este último criado pela Psicanálise, e de suas correlações, sejam semelhanças ou oposições.

Contudo a compreensão destes dois pontos é de grande importância, por se tratarem de conceitos fundamentais dentro da teoria psicodramática.

Com o intuito de trazer esclarecimentos neste sentido, as autoras procuram transmitir, de forma breve e objetiva, as principais características de cada um destes conceitos e suas semelhanças e oposições.

## II — T E L E

Na criação de sua teoria, cujo eixo fundamental é a **espontaneidade**, Moreno cunha o termo «tele», para designar um fator que considera básico na relação entre os homens. A «tele» pode ser considerada o segundo grande eixo da teoria moreniana (2).

A conceituação de tele foi feita por Moreno durante seu trabalho com o Teatro da Espontaneidade e é, também, contemporânea ao seu interesse pelo «Encontro». Segundo ele, seria o fator tele que possibilitaria o «Encontro», numa relação de causa e efeito. Pode-se dizer que, por vezes, Moreno chega a identificar tele e encontro, unificando-os no «movimento do Eu ao Tu e do Tu ao Eu» (2).

Após algum tempo de experiência no trabalho com o Teatro da Espontaneidade, Moreno observou que:

- 1) embora fosse evidente que nem todos os atores empatizassem entre si, havia simpatias e rejeições entre eles, criando como que uma corrente que influenciava sua atuação em grupo,
- 2) a interação dos atores, durante atuações espontâneas, produzia nestes um efeito catártico que se mostrava terapêutico.

Estas constatações o levaram à suposição da existência de um fator interpessoal curativo e à hipótese do fator tele (do grego: à distância).

Moreno usa o termo para definir «a menor unidade de sentimento transmitida, à distância, de um indivíduo a outro» (1), uma relação fundamental, consequência da percepção interna recíproca; é a substância interrelacional, estímulo às relações permanentes e às associações estáveis.

Chama-se tele positiva à reação de atração e tele negativa à de rejeição.

Moreno acredita, ainda, que a tele ocorra não só entre indivíduos mas também, entre indivíduos e objetos.

Tele-relação é o conjunto dos sentimentos que atrai uma pessoa para outra, e que é provocado pelas características reais (individuais ou coletivas) desta outra.

A tele-relação é um fator universal atuante em situações normais e anormais.

### III — T R A N S F E R Ê N C I A

O termo **transferência** foi criado por Freud: «Uma transferência de sentimentos para a personalidade do médico... estava preparada no paciente e foi transferida para o médico na ocasião do tratamento analítico... Na medida em que sua transferência é positiva, investe o médico de autoridade e produz fé em sua comunicação e interpretações... Os seus sentimentos não se originam na situação presente e não são merecidos, realmente, pela personalidade do médico, mas repetem o que lhe aconteceu numa ocasião anterior de sua vida» (citado em 3).

Segundo Freud, a transferência surge em diferentes situações, mas surgirá certamente ao submetermos um neurótico ao tratamento psicanalítico e pode ser considerada como ponto central deste tratamento. Sua conceituação foi, sem dúvida, fundamental para a compreensão da dinâmica psíquica.

Moreno concorda em que todo relacionamento que se estabelece entre

duas pessoas sofrerá, sem dúvida, interferência das vivências infantis de cada uma, já que, dadas as múltiplas experiências por que passa um indivíduo ao longo de sua evolução, considera praticamente impossível que o desenvolvimento do sistema tele se dê sem alterações.

Assim, a transferência seria a interposição de sentimentos e figuras arcaicos de um dos membros de um relacionamento entre ele e seu interlocutor. Ou seja, ele não vê o outro de forma completa já que tem, à sua frente, um aspecto de si mesmo que prejudica sua percepção.

Baseado nestas considerações, Moreno, diferentemente de Freud, não considera a transferência como centro da terapêutica e sim como fenômeno paralelo e porção patológica do fator tele (1).

#### IV — C O R R E L A Ç Õ E S

Moreno faz, muitas vezes, comparações entre tele e transferência, assinalando seu paralelismo ou oposição.

Assim, vê a transferência, do ponto de vista cronológico, como um fenômeno secundário na história de vida de um indivíduo, ou seja, a transferência que ocorre num determinado momento, se refere ao passado, já que é uma projeção, no presente, de imagens incorporadas na infância. É, também, um sentimento de uma única direção: parte de um dos interlocutores em direção à pessoa do outro.

Já a tele se refere ao presente, tem sua origem no momento em que duas pessoas se encontram, no aqui e agora, e é um sentimento de dupla via. Além disso, é uma estrutura primária que age desde idade precoce; a criança não nasce com a tele-estrutura, mas esta vai tomando corpo desde que o bebê começa a entrar em contato, através dos sentidos ou iniciadores físicos, com objetos exteriores (pessoas ou coisas).

«O lactante vai tomando consciência da proximidade e da distância depois da distinção de si mesmo e dos demais: o fator tele é, seguramente, em sua primeira forma, indiferenciado, uma tele de matriz de identidade. Gradualmente se separa uma tele para objetos e uma para pessoas. Uma tele positiva se separa de uma negativa, e uma

tele para objetos reais de outra para objetos imaginários» (2). «Espontaneidade e tele são mais elementares que a libido e funcionam em situações pré libidinosas» (4).

Por isto, afirma Moreno, a criança não pode ter transferência mas é, sem dúvida, capaz de tele-relação.

A noção de tele é, fundamentalmente, social; a tele atua em nível social e é objetiva. A transferência é uma noção psicológica que atua a nível individual e essencialmente subjetivo. A transferência, conceito psicanalítico, «só é válida para o campo da psicopatologia, enquanto a tele é um conceito útil ao psicólogo, ao psiquiatra e ao sociólogo» (2).

Segundo Garrido (2), a transferência poderia ser considerada causa de enfermidade tanto no indivíduo como nos grupos (sendo, nestes, um fator desintegrante) e deve tender a desaparecer à medida em que progride o processo psicoterapêutico. Paralelamente, o tele-fator seria um elemento são e promotor de saúde, sendo facilitador da união dos grupos e fator que tende a fazer-se mais onipresente e persistente à medida em que evolui o tratamento psicoterápico.

Garrido acredita, ainda, que a tele atua na cura enquanto a transferência pode chegar a atrapalhá-la.

«A transferência aparece acompanhada de um montante de ansiedade que nos permite diagnosticar que nos achamos em sua presença, jamais é um fenômeno total e sempre existe um grau de percepção correta. Mesmo um psicótico conserva algo de «insight» com relação à projeção, sobre o outro, de figuras e sentimentos pertencentes ao seu mundo interno. Do ponto de vista psicanalítico, é muito difícil o tratamento de um psicótico, já que, sendo a transferência seu instrumento fundamental, será impossível que o paciente possa ter a quantidade suficiente de ego não participante da projeção para poder instrumentar, terapeuticamente, o processo. Contrariamente ao que se disse, não é que o psicótico seja incapaz de transferir, senão que lhe resulta difícil conectar-se com seus aspectos sadios para poderem ambos, terapeuta e paciente, sair da confusão. O fator tele está continuamente interceptado na psicose, é fugaz e carente de continuidade, mas sempre está presente.

Disto se depreende um critério de «saúde»: maior será a saúde de um indivíduo quanto maior for sua capacidade télica e, inversamente, menor será a saúde quanto maior for a transferência» (1).

«Em psicodrama considera-se que o paciente pode, em certas ocasiões, perceber e valorizar corretamente o terapeuta (tele) e, em outras ocasiões, projetar (transferência) seus conflitos internos. Esta posição do psicodrama condiciona atitudes terapêuticas definidas. Assim é que se confirma o paciente nas suas percepções corretas, para evitar a confusão que lhe ocasionaria o descrédito do seu aparelho receptor» (5).

Por outro lado, não se pode esquecer que a transferência, embora sentimento subjetivo e de uma única direção, desenvolve-se em ambos os polos do relacionamento, ou seja, é interpessoal (assim como a tele), e atinge, inclusive, o terapeuta que, por sua vez, também pode projetar suas próprias fantasias no paciente.

Um terapeuta pode libertar-se da transferência que tenha desenvolvido em relação ao terapeuta que o tratou, mas isto não significa que estará liberto de desenvolver transferência com relação a qualquer novo indivíduo que venha a conhecer. É este um ponto que ele deve ter sempre em mente, a cada novo cliente que recebe, para que isto não venha a prejudicar o futuro do processo terapêutico.

#### V — S U M M A R Y

The authors present, in a synthetic way, an objective sight of the TELE and TRANSFERENCE concepts and their correlations, which concepts are of fundamental importance to those who want to understand and use the Psychodrama theory.

#### VI — R E F E R Ê N C I A S B I B L I O G R Á F I C A S

- 1 — BUSTOS, D. M. - *Psicoterapia Psicodramática*, Ed. Brasiliense, São Paulo, 1979.
- 2 — GARRIDO MARTIN, E. - *Jacob Leví Moreno, Psicología del Encuentro*, Sociedad de Educacion Atenas, Madrid, 1978.
- 3 — MORENO, J. L. - *Psicodrama*, Ed. Cultrix, São Paulo, 1978.
- 4 — MORENO, J. L. - *Psicoterapia de grupo e Psicodrama*, Ed. Mestre Jou, São Paulo, 1974.
- 5 — ROJAS-BERMÚDEZ, J. G. - *Introdução ao Psicodrama*, Ed. Mestre Jou, São Paulo, 1977.